

MEMÓRIA(S) DE CULTURA ALENTEJANA NA GRANDE LISBOA

MANUELA FONSECA *

- À Dr^ª. Isabel Vila Maior
- À Isabel Caeiro

Cantava o trovador. Mestre na musicalidade da palavra. Mestre do convívio humano e da coerência: "Chamava-se Catarina..."...

"Chamava-se Catarina...": O Alentejo de meus avós maternos, de meu tio Manuel Horta, de minha mãe e dos outros tios (aquela e estes já nascidos barreirenses) chega até mim, que passei longos períodos de férias escolares na Mina de S. Domingos, em Beja, em Aljustrel, que acompanhei a actividade profissional do meu genitor, correndo entre o Barreiro e a Funcheira, o Barreiro e Vendas Novas, como outrora minha mãe fizera, ela e eu com pais maquinistas da C.P. ...

"Chamava-se Catarina...": o lapso de tempo que o elevador me dá para recordar está a terminar. Como diz um amigo de infância, a sociedade do "já!" abranda-nos a memória... Chegamos ao 5^o andar do prédio de apartamentos onde vivemos, a Catarina e eu.

A Catarina cumprimenta-me, sai, ouço-a abrir a porta. Doze anos traquinas sem qualquer vínculo do Alentejo. Os pais, regressados de Angola em 1975, habituaram-se aos usos e costumes desta cidade ribeirinha que tanto tem dado a Lisboa e ao país. A filha, aqui nascida, tem o nome de muitas jovens da sua idade, netas de Catarinas (ou Barbaras ou Antónias ou "Bias"...) que vieram do Alentejo para este Barreiro (também de suor e onde o pão conquistado tem sido luta permanente e desigual contra a poluição e outros factores) e nele impregnaram, para sempre, o calor humano da província de origem: os almoços e lanches repartidos com íntimos e simples conhecidos, os laços familiares estreitados ou selados em cerimónias de baptismo, de casamento, de crisma (a aumentar o número de afilhados, comprades e comadres...) a recordação da sesta, à tarde, a fraternidade como comunicação...

Fraternidade que encontro na Casa do Alentejo, sempre que vou aos lançamentos de livros da Maria Rosa Colaço, do Francisco Rasquinho - um quase irmão de meus pais - a primeira sem nunca esquecer o que aprendeu com o segundo, na vila de berço de ambos... Francisco António Rasquinho, há longos anos radicado na grande Lisboa, químico brilhante

* Docente da ESE de Setúbal

e autodidacta na empresa mineira da sua terra, artista por vocação; a musical, sempre demonstrada e partilhada, a literária em período mais tardio da sua - felizmente - larga vida. Francisco António Rasquinho, o exílio na Bélgica, com a deserção do exército, tendo como pretexto um desafio Internacional de futebol entre o Real Madrid e o Benfica (Sport Lisboa ou Sport Alentejo?...) (Dizia-se, na altura, que o moço Rasquinho tinha, em momento terrível da guerra colonial, ludibriando a ditadura porque só comprara bilhete para o então Estádio de Chamartin...)

Francisco Rasquinho. o lançamento de um conjunto narrativo denominado, genericamente: **O forno da Maria Augusta**, em meados desta década: a amizade, as azeitonas, o caldo verde, o chouriço de permeio, o prefácio feito por nome ilustre das Letras Portuguesas, o da já citada Maria Rosa Colaço: "(...) O Rasquinho que me ensinou a canção mais antiga de que me lembro, ainda toca bandolim, renova as esperanças, alimenta o fogo da Amizade como um ritual solene e necessário, nunca deixou que murchasse a estrela verde da sua lapela e nunca envelheceu! E isso é o que neste Homem, neste Amigo, neste Poeta eu mais admiro: a sua eterna juventude, a sua capacidade de dar-se, a sua persistência em alimentar entre todas as pessoas, longe ou perto, uma grande, imensa roda de fraterno convívio."

Fraterno convívio ainda hoje partilhado nesta Grande Lisboa é o momento de se comer pão de fabrico caseiro, de preferência no fim de semana, para , em relativo repouso, ele nos retemperar um pouco de grosseiro tratamento que a indústria alimentar quase sempre nos presta, num país do qual dizem estar a caminho de uma Europa alargada, com qualidade de vida...

Assim, comprar pão cozido no forno da senhora B ou da senhora C é um prazer para muitos, associando este alimento ao da Maria Augusta, lá para Aljustrel, como lemos em Francisco Rasquinho: "era lá para os "Altos", na rua das Gatoas, o forno da Maria Augusta. (...) No forno da Maria Augusta encontrava refúgio toda a moçada dos "Altos" e o "Pé Descalço" o calor necessário para afugentar a frieza dos "calcantes"; havia ali, nas anedotas e histórias várias, de mistura com aventuras do "Zé do Telhado" e do Dimas, o pão do espírito". (1)

Pão do espírito que o professor Manuel João da Silva trouxe ao I Encontro Distrital de Professores de Português que, na E.S.E. de Setúbal, efectuámos em Maio passado, (e que dedicámos a Manuel da Fonseca), num Canto Pedagógico em que , atentos e enternecidos, o ouvimos, o aplaudimos, ao dar-nos conta da tarefa que ora o absorve, a de fazer levantamentos de falares regionais alentejanos de que tem dado testemunho através do exemplar trabalho: **Riqueza dos falares regionais** e de palestras que a todos fazem mais sabedores e a todos comovem.

É de **Riqueza dos falares regionais** que lembro um diálogo entre um rústico alentejano, Zé Francisco, e o Sr. Marcelino, comerciante lisboeta, no conto José Francisco foi a Lisboa:

"(...) - E que tal, Sr. José Francisco?

- Oh home, dêx-me cá! Isto é uma coisa grande. Grande e bonita... Atão o gentio e os altomoves que se vêm aí por essas ruas!...

- Ah! Isso é porque houve muita gente que "fez a ponte de ontem para amanhã".

- Tenha paciência Sr. Marçalino, essa é que eu não engulo. Que venha muita gente p'la ponte tá certo. Eu também lá passei quando vim do Alentejo... Agora que fizessem aquela ou outra ponte mesmo mais pequena, donte p'ra manheim tá queta Bia. Essa não engulo!..." (2)

Claro que todos se riram das palavras de Zé Francisco que, voltamos a citar, "(...) não se importava nada das risadas que provocava. E acompanhava sorrindo a festa, que os outros faziam com os seus ditos". (2) E, assim, este Zé Francisco é símbolo de todos os Chicos, de todos os Blés, de todas as Bitas que, radicados na Grande Lisboa, abrigados pelo comércio e pela indústria que os sustenta, dão imensas gargalhadas de desprezo em retribuição de um anedotário grotesco e pindérico - reaccionário que, nos últimos anos e sem ser por acaso, aqui se conta a propósito de alentejanos, vistos, provavelmente, pelos olhos grosseiros e analfabetos que se encantam com a crónica social sobre as gentes endinheiradas que por aí exibem as suas taras e vícios...

Gargalhada de desprezo que ouvi, amiúde, à Cristina (os primeiros vinte anos passados na Mina de S. Domingos - de meus avós maternos e seu primogénito - os últimos quarenta no Lavradio), recordando-se de como enganara a repressão, que bem tentara impedi-la de ir a terras de Espanha, ladeando a Corte do Pinto, atravessando a ribeira de Chança e voltando à Mina, contrabandeando os produtos que ali escasseavam e lhe davam o sustento. Por cá, a senhora Cristina continuou a desenvolver a mesma actividade... económica, de forma bem mais sofisticada, envolvendo transportes rodoviários, ferroviários, fluviais e... incursões até Marrocos... Parte final da vida desafogada graças a canseiras e riscos, pôde deixar à filha, entre outros bens, uma vivenda paga - como gostava de sublinhar - em centenas de viagens com contabilidade habitualmente certa, pese jamais ter tido qualquer frequência escolar e - talvez por isso - se assustasse com conta bancária que nunca abriu, guardando no lar avultadas quantias que, felizmente, o contrabando (iniciado com bugiganças, na meninice, na raia) lhe proporcionou...

Foi, no entanto, feliz no seu trabalho esta mulher, ao contrário de outros, mais acosados, levando e trazendo com maiores dificuldades os produtos comercializados, fugindo, às vezes, a cercos policiais difíceis de romper e indo ao encontro da dor no fim do caminho. Como Toino Borca e Pepe, um alentejano e um andaluz, irmanados no perigo das idas e vindas clandestinas que lhe matavam a fome. Personagens arrancadas a um dos contos de Maria Vasquez, (num trabalho que, embora premiado e prefaciado por Bernardo Santareno, não chegou a ser editado, vá tá perceber-se porquê...) dos quais nos diz: "(...) Ajustaram as mochilas, tactearam até à saída. Perfeitamente disfarçada pela moita de estevas, a gruta permanecia ignorada do resto dos homens. A noite de Dezembro, frígida, anunciava o Natal. Escutaram atentos; nada... Como toupeiras deixaram a toca. Conheciam o terreno palmo a palmo. Sabiam deslizar sem ruído". (3)

O Borca e o Pepe, escondidos nos barrancos da região da Mina de S. Domingos, terra acerca da qual escrevi em publicação recente: "(...) Em S. Domingos, há casas vazias.

Em S. Domingos as poucas crianças perderam já a infância.

Ali, onde foi produção alentejana, nem Verão nem Inverno. O tempo é marcado pelo abandono... pelo desespero (...)

(...) Em S. Domingos. galerias vazias e um Alentejo cada vez mais ultrajado na sua terra quente...

...tudo como é costume...

(...) E em cada noite muitos portugueses dormem ignorando (?) quantas Minas de S. Domingos há no seu país.

(...) S.Domingos... S.Domingos... S.Domingos...

Tudo como é costume..."(4)

Desse Alentejo ultrajado na sua terra quente nos diz Maria Rosa Colaço em " Não só quem nos odeia: " (...) Os cinco filhos do Rodrigues, junto ao portão, eram uma mancha escura que a noite quase diluía e o frio paralisava.

- O que querem? - perguntou.

- O meu pai está sem trabalho há cinco semanas. A minha mãe pede qualquer coisa para comer.

- Esperem aí!

E baixo para o criado: ó Custódio, abre o portão e solta os cães.

Os cães, fartos de estarem presos, rosnavam inquietos". (5)

Talvez por causa da fome, talvez por causa dos cães açulados, talvez por justas aspirações pessoais, decide a protagonista ser trabalhadora-estudante, na aventura imensa de descobrir Lisboa. Aqui consegue as metas desejadas, ultrapassando os sofrimentos que quase travam os filhos dos pobres, ânimo forte e sereno a ajudá-la. Dirá, um dia, sobre a alegria do primeiro amor, do primeiro companheiro, ao recordar: "(...) No teu quarto havia uma estante cheia de livros. E no chão. E sobre as mesas. Era uma festa de livros, quadros e discos, o teu quarto." (6)

Festa de quadros. De exposições. A que o ontem menino vindo da zona de Évora se dá e nos dá, de sua graça António Joaquim Pereira Gama, de sua Arte Kira. Oferecendo-nos cor, luz, sensibilidade, que partilha com os amigos, com os amantes do Belo, neste Barreiro que o adoptou. Que dele se orgulha como de todos os que aqui produziram/produzem, nos ofícios, nas artes a que se dedicaram/dedicam, uns com possibilidades de escolha, outros não.

Kira, esse alentejano-barreirense que viu a luz do dia há quarenta e quatro anos, homem simples, um trabalho cheio de qualidade que, bem cedo, ultrapassou fronteiras.

Kira, o ceramista, o homem do traço, o pintor: o branco como motivo das casas caiadas da sua terra-mãe primeira. O branco na paisagem urbana por ele criada, o branco da nossa alegria, da nossa esperança, em cidades feitas para os homens, para os homens delas se gozarem. Todos os homens.

"Kira em exposição", catálogo de 82 onde leio o que outro artista da imagem, Mestre Augusto Cabrita, dele diz:

"Kira nasceu em Évora
Na cidade onde o branco existe.
O branco: a soma de todas as cores

Kira nasceu no Alentejo
Na civilização do barro
Onde o branco **afasta** o sol.

Mas onde o branco-cal é também sol: na sua função física de o repelir e de o "aproxi-
mar" ...de nós.

Esse branco que Kira encontrou no Barreiro(...)"

O branco e o negro: alfa e ómega. O branco e o negro: vida e morte... Raquel Maria, artista multifacetada, mais reconhecida publicamente como mulher de teatro. O teatro e a simbologia da morte em momento muito alto na Forja de Redol levada à cena pelos amadores/amantes do Barreiro pela primeira vez em 71. Raquel Maria no Teatro de Ensaio do Barreiro: máscara da morte sempre recordada.

Raquel Maria: a contenção dos gestos, das palavras, das atitudes, dentro e fora do palco: Raquel Maria: tão bem ao longo de década e meia na sua segunda etapa, no Teatro da Cornucópia, como agora, no novo projecto cultural abrangendo as autarquias da Amadora, Loures, Vila Franca de Xira. Mais um caminho de uma mulher, nascida no Alentejo, por cá feita adulta.

Nesta região onde a província de meus avós maternos, de meu tio primogénito, de meus primos, de minha sogra, continua: no nosso sangue, na nossa tradição, na nossa cultura, na nossa vida... Alentejo de esperança e de raiva, de muita labuta, de muitos sonhos e (algumas) conquistas.

Alentejo por aqui, dentro de cada um de nós, Alentejo do nosso orgulho, da nossa força, da nossa perenidade...

BIBLIOGRAFIA

- (1) RASQUINHO, Francisco - *O forno da Maria Augusta*, Aljustrel, F. Rasquinho, 1985, 15-16.

- (2) SILVA, Manuel João da - *Riqueza dos falares regionais*, 2ª ed. corr., Santiago do Cacém, Câmara Municipal 1987.
- (3) VASQUES, Mariana - *O Borca*, in "Horizonte raso" [Texto policopiado], [S.L], M. Vasques, 1972, p.[35-45].
- (4) FONSECA, Manuela - *A escola, o baile, a banda de música.* "Um olhar sobre o Barreiro". *Barreiro* (1) 2ª série, Jun. 1989, p.16-20.
- (5) COLAÇO, Maria Rosa - *Não só quem nos odeia*, Lisboa, Nave, 1986, p. 11.
- (6) *Ibidem*, p. 66.

Divulga

